

Registo Genealógico das Raças Bovinas

Prof. OCTAVIO DOMINGUES
Docente de Zootecnia Geral da E. A. S.
"Luiz de Queiroz"

Não é possível deixar-se, sem um comentário sequer, esse primeiro RELATORIO da comissão dos Herd Books, apresentado á diretoria da prestigiosa "Federação Paulista de Criadores de Bovinos".

O que se contem nas suas 40 paginas de texto é materia de grande importancia seja para o tecnico zootecnista, seja para o criador; materia informativa preciosa, materia de divulgação necessaria.

Os nossos criadores, ou uma boa parte deles, parece que querem de vez deixar o campo do empirismo e entrar inteligentemente no terreno da zootecnia. E si esse anseio justo e aplaudivel existe realmente deve-se em parte ao estímulo dos tecnicos paulistas que agora como nunca estão empenhados nessa pugna.

A "Federação de Criadores", com esse trabalho da sua Comissão de Herd-Books, acaba de demonstrar a magnifica, acertada orientação do seu modo de agir, no pretender multiplicar e melhorar o nosso rebanho de gado bovino.

O estabelecimento dos Herd Books das seguintes raças, criadas ou em franca aclimação em S. Paulo: Holandesa e suas variedades; Jersey, Schwyz, Dinamarquesa, Hereford, Guernsey, Simmenthal — é um indicio de que a Federação quer caminhar pelo bom caminho, e fugir á inactividade.

Não é possível ter-se um rebanho de uma raça qualquer sem um livro que não somente seja a garantia da pureza desse rebanho, como tambem do valor economico dos animais que o compoem, isto é, do seu merito como maquinas vivas transformadoras e valorizadoras de alimento. E' fazer um castelo sobre uma duna criar e pretender manter pura e produtiva uma raça sem a ajuda do Livro Genealógico. Os proprios criadores de uma raça determinada em poucos anos estão andando em caminhos opostos, fortalecendo motivos de desinteligencias e desarmonias: e o progresso da raça na região não aparece.

As associações que cuidam desses Livros fazem o papel de verdadei-

ras Escolas orientadoras do metodo de criar na região onde operam, mormente nas regiões pastoris como as nossas onde ha o peso de tradições seculares erroneas a combater. Tudo o que temos que fazer é fazer de novo, sem tradições a respeitar, sem o peso pesado dos habitos secularmente adquiridos, como nas civilizações velhas da velha Europa. Basta ver se a morosidade com que se implantou ali o uso dos livros do rebanho. W. Engeler em exaustivo estudo sobre os Livros Genealogicos verificou, com documentação abundante — que os tecnicos daquelas bandam podem usufruir — verificou que os livros de registo da criação em geral já eram usados desde o seculo XVIII, a principio para equinos e ovinos e só no seculo XIX é que os bovinocultores começam a adoptar-los.

E' que havia uma fé entranhada na constancia das especies e das raças, criadas pela divindade. Só com o embate da teoria transformista — até aí ela teve seus efeitos! — é que surgiu a doutrina contraria da prepotencia individual "cujas consequencias praticas foram antes de tudo a necessidade de apreciar os caracteres individuais de um animal e de os formular tecnicamente nos registos de criação".

Hoje, a teoria da hereditariedade nas suas applicações aos gados está exigind ainda mais o uso de Livros Genealogicos porquanto alem da importancia da apreciação dos caracteres individuais para as anotações, tais livros tornaram se preciosissimos no oferecerem as explicações geneticas sobre a materia reunida nas anotações.

Seleção sem Livro Genealogico é assim como a analise química sem balança de precisão.

Ora, da compreensão dessa verdade indiscutivel a "Federação de Criadores" deu mostras com a sua actividade na implantação do uso menos acanhado de Livros Genealogicos para as raças exoticas que criamos ou que estamos aclimando.

✽

O capitulo segundo do precioso RELATORIO que estou comentando ao correr da pena, trata de uma esplendida divulgação em torno dos seguintes assuntos: *Raça, Standard, Juizo, Exterior e Julgamento dos Animais*.

Embora a difinição de *raça*, que ali está, não seja a expressão da verdade biologica hoje reconhecida, é ela contudo compreensivel e assimilavel pelo leigo. O tecnico avisado, tambem não extranhará a simplesa do seu enunciado. E' que *raça* em zootecnia parece-me ser antes "uma variação da especie com os caracteres gerais desta, mas se afastando dela por certas particularidades proprias, que são transmissiveis em geração sexual". A

raça ainda, não se forma propriamente "sob a influencia do meio", como está ali, mas antes por *seleção natural* ou *seleção artificial*, sob controle do meio.

No primeiro caso surgem as chamadas raças naturais que na sua adaptação ao ambiente não tiveram o amparo, a orientação do homem criador.

Elas se formaram com a vitória de individuos que se mostraram mais afeiçoados ao meio, mais resistentes aos factores ambientes ou em poucas palavras, individuos mais capazes de viverem e prosperarem na ambiencia determinada.

No segundo caso temos as raças artificiais, dando-se a este termo um significado muito restrito, pois o artificio que o homem emprega não anula, não faz desaparecer a ação do ambiente que é também sensível embora mais parcimoniosamente.

Num caso as variações surgem e o meio, exercendo a sua seleção, permite a vitória destas variações e destroe aquelas outras.

No outro caso é o proprio homem que fazendo a sua seleção (por isso chamada artificial) só deixa prosperarem as variações que estão conformes ao padrão por ele idealizado.

*

E aqui estou eu em litigio amistoso ainda: porque *standard* e não *padrão*?

Si temos um termo bem nosso, bem compreensível, usado, para que introduzir — e com que dificuldade! — o estranho *standard*? Vaidade? não creio.

Vamos, um pouco de boa vontade, e que de lado fique o *standard*. Para nosso uso familiar que fique o expressivo vocabalo *padrão*.

*

O trecho que se refere á formação do JUIZO no julgamento dos animais é dos melhores do RELATORIO pela justeza e clareza da divulgação. Os nossos criadores têm muito que aprender principalmente nesta parte do trabalho.

Do EXTERIOR E JULGAMENTO quase que o mesmo se pôde dizer.

*

Agora a actividade propriamente da Comissão se manifesta na parte

que se refere aos REBANHOS VISITADOS, num total de 38, assim distribuidos :

- 29 da raça Holandesa, (26 da variedade malhada de preto, 2 da vermelha e 1 da cintada)
- 1 da raça Holstein Frisian
- 4 da raça Schwyz
- 2 da raça Jersey
- 2 da raça Dinamarqueza

Como se vê, a raça Holandesa é a mais numerosa quanto ao numero de rebanhos visitados e tambem quanto ao volume.

O quadro abaixo bem isso indica :

R A Ç A S	Volume dos rebanhos	Nº. de animais marcados	Porcentagem
Holandesa e suas variedades	8.300	693	8,3 %
Jersey	460	93	7,8 %
Schwyz	236	95	40,2 %
Dinamarqueza	5	5	100 %

No movimento de inscrição verificamos o alto numero de 1.106 reprodutores que mereceram ser registados nos respectivos Herd-Books das raças: Holandesa malhada de preto, Holandesa vermelha, Holandesa cintada, Holandesa britanica, Jersey, Guernsey, Schwyz, Dinamarqueza, Holstein Frisian, Simmenthal.

Um defeito se nota no quadro das inscrições é a falta do lugar e fazenda onde foi registado o reprodutor, para que o leitor do RELATORIO fique suficientemente informado a respeito, como grande interessado que naturalmente é.

*

A parte referente ás OBSERVAÇÕES EM TORNO DOS REBANHOS E DAS RAÇAS é das mais interessantes do RELATORIO.

Ali tomamos conhecimento de que o *regime e o metodo de criação* desse gado exotico não é aquela fabula dos leigos transformados em zootecnistas.

Nesse trecho a Comissão tem oportunidade de dar esplendidos e oportunos conselhos sobre os meios de melhorar, no sentido economico, o regime e pratica da alimentação na zona norte do Estado, incontestavelmente conquistada pelo gado Holandez.

*

Ao referir-se ao rebanho de Schwyz do Cel. Lupercio de Camargo, "rebanho todo de puro sangue de origem, trabalhado ha mais de 20 anos", e criado extensivamente, a Comissão, com a sua responsabilidade tem as seguintes expressões :

"Não é nada exagerado a afirmativa de que a raça Schwyz aqui se aclima e se reproduz conservando o seu patrimonio hereditario. Quem examinar o rebanho do Cel. Lupercio terá a confirmação dessa observação, e ainda mais se convencerá dela, se considerar que o seu rebanho nem sempre é tratado convenientemente e como merece. Pelo que vimos a raça Schwyz sofre menos que a Holandeza as consequencias das variações e da hi a conservação do typo que é a melhor garantia hereditaria de pureza da raça. Na exposição de outubro de 1928 tivemos a feliz oportunidade de estabelecer um confronto entre um lote do Schwyz recém-chegados da Suissa e um lote de garrotes e novilhos exposto pelo Cel. Lupercio; zootecnicamente este, não ficava a dever áquele".

*

Vem a pelo citar a interessante mutação que se deu nesse rebanho de Schwyz.

O touro *Nando* n^o. 281 (Schwyz puro sangue com chifre) fecundou a vacca *Nobreza*, tambem pura e armada, nascendo uma femea *mocha*, que recebeu o nome de *Venus*.

Venus com seu pai *Nando* n^o. 281, já deu um casal de mochos, perecendo o macho e vingando a femea *Perola*.

Perola com seu avô acaba de parir um mocho.

Parece pois que a mutação é germinal em *Nando* e provavelmente em *Nobreza* donde *Venus*, o primeiro typo mocho mutante e por isso homozigoto. Para isto verificar é fazer precisamente o que recomenda inteligentemente a comissão: "que *Nando* 281 continue a cobrir *Venus*, sua filha, e que o garrote, filho de *Perola* cubra esta".

Não posso entretanto concordar com a explicação que a referida Comissão oferece para esse caso provavel de mutação ou, quem sabe! de rever-

são atávica difícil de provar, mas não de explicar. Trazer a "consanguinidade estreita e o efeito de aclimação e do novo ambiente" para interpretá-la é que não creio acertada.

A mutação — como essa da ausencia de chifres nos bovinos — é inexplicavel pela ação do meio, ou pela consanguinidade num rebanho puro como o do Cel. Lupercio (segundo é de crer pela propria afirmação do RELATORIO).

A consanguinidade poderá permitir a fixação pronta do atributo, mas provocar o seu aparecimento num caso como esse, é cousa que se não compadece com os nossos conhecimentos de genetica animal.

Mas seja como fôr o fato é que ai temos o embrião de uma nova variedade etnica provavel, surgida entre nós.

*

Emfim a impressão geral que se tem do trabalho em apreço é a melhor possivel. Os srs. membros da Comissão que a elaboraram podem estar certos de haverem prestado um "serviço serio e util" á pecuaria paulista e nacional.

O c t á v i o D o m i n g u e s

N. do A. — Este trabalho foi publicado em 1a. edição na "Rev. da Soc. Rural Brasileira", agosto de 1930. Aqui o faço reproduzir para sua maior divulgação.

A MAIZENA COMO FORRAGEM A Maizena é um producto accessorio da fabricação do amido de milho. Contém mais ou menos 90 % de M. S., 32 % de M. A. 48 % de M. não A. 2,9 % de M. G. 3,5 % de Cellulose e 3,5 % de M. M Apresenta se sob forma finamente granulada. Sabor salino e amargo. Odor sui generis, não desagradavel.

Bungér e Lamprecht fizeram uma experienciã com vaccas leiteiras, e tiraram as seguintes conclusões (*Milchwirtschaftliche Forschungen*, janeiro de 1926) :

A *maizena*, misturada com uma quantidade fraca de forragem concentrada, augmenta o rendimento do leite, o teôr de materia graxa é um pouco diminuido, de sorte que o rendimento bruto em gordura não se modifica de modo sensivel.

Estas observações coincidem com experimentos anteriormente feitos, com a propria maizena.

Do ponto do vista economico, a maizena como forragem baixa o custo do leite e da manteiga, visto seu preço relativamente baixo na Alemanha, em relação ás forragens concentradas, importadas.

Nenhum gosto especial a maizena dá ao leite.

P. PANCHAUD